

Dr. Donald Fowler, Contextos do Antigo Testamento, Aula 11, Nuzi

© 2024 Don Fowler e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensino sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 11, Nuzi.

Na nossa última palestra, falamos sobre os relatos do dilúvio na Babilônia e os relatos do dilúvio na Bíblia.

Enquanto fazíamos isso, não pudemos deixar de notar que existem algumas semelhanças surpreendentes entre o relato bíblico do dilúvio e as várias interpretações do relato mesopotâmico. Claro, também existem diferenças substanciais. Esse fenômeno certamente representa o enigma que enfrentamos na área dos antecedentes.

O problema é que as semelhanças são muitas vezes acompanhadas de diferenças. Ao discutirmos o uso de materiais antigos do Oriente Próximo para iluminar a Bíblia, enfrentamos o problema de como lidar com semelhanças e diferenças inegáveis. Este é um daqueles casos de teste para o problema.

Existem três propostas que tentam explicar como dois documentos podem parecer tão semelhantes. A primeira é que os hebreus tomaram emprestado o conceito do dilúvio da Mesopotâmia. Filosoficamente, isso é improvável.

Há evidências demonstráveis de que o relato das cheias na Mesopotâmia tendeu a expandir-se em tamanho à medida que envelhecia, passando da simplicidade geral para a complexidade. Gênesis 6-8 parece ter sido a mais curta de todas as versões antigas do evento. Por outro lado, é muito mais complexo cronologicamente que os demais.

Tem cinco datas e eles não têm nenhuma. Refere-se a seis períodos diferentes de 7, 40 e 150 dias.

Embora o épico de Gilgamesh tenha apenas dois ou três de sete dias cada, há 17 dados cronológicos em todo o Atra-hasis e 13 no épico de Gilgamesh, mas a Bíblia, que é um pouco mais curta do que esses dois outros documentos, tem 16. Bem, o que estamos apontando é apenas um pequeno problema neste problema de explicação de inter-relacionamentos.

Mas existem problemas cronológicos. Se Moisés estava escrevendo em 1400 e no Egito ou no deserto do Sinai, como ele tomou conhecimento dos relatos do dilúvio na Mesopotâmia? É difícil postular a ideia de que Moisés teria emprestado um

documento escrito porque, neste momento específico, a escrita estaria nas mãos dos profissionais. Então, é difícil entender como isso poderia ter acontecido por escrito.

É claro que é possível, embora deva permanecer totalmente especulativo, que isso pudesse ter acontecido oralmente. Ou seja, no mundo antigo, eles eram muito mais propensos a transmitir as coisas oralmente, provavelmente devido à complexidade do sistema de escrita. Então, é possível que Moisés tenha ouvido falar do relato do dilúvio, mas é difícil entender por que Moisés teria emprestado um documento que era tão pagão se ele acreditasse em qualquer coisa que estivesse na história que temos em Gênesis 6-9.

Então, isso poderia ter acontecido, mas parece improvável, tanto por razões cronológicas como por razões teológicas. Se Moisés tomasse emprestado dos mesopotâmios, isso, claro, explicaria as semelhanças, mas na verdade não explica as diferenças. E, idealmente, o que precisamos é de um sistema que possa explicar tanto as semelhanças como as diferenças.

Portanto, parece improvável que Moisés tivesse emprestado do relato mesopotâmico. Se de fato existe um Deus, e este Deus controla a humanidade de infinitas maneiras, não é impossível que Deus pudesse ter levado Moisés a utilizar este documento. Simplesmente não há nenhuma evidência real disso, além das semelhanças que vimos em nossa última palestra.

Assim, alguns conservadores talvez quisessem argumentar que os mesopotâmicos tomaram emprestado da Bíblia. Bem, mais uma vez, é uma ideia, mas se começarmos a olhar para a ideia e a perguntar-nos: como é que isto pode ter acontecido? Como poderiam os mesopotâmicos, que viviam a 600-900 milhas de distância, como poderiam ter emprestado o relato dos hebreus, especialmente tendo em conta o facto de que Moisés é aparentemente a primeira pessoa a escrever isto, e Moisés nunca chegou à Mesopotâmia? Então, seria difícil entender um cenário proposto em que os mesopotâmios pudessem ter tomado emprestado isso, sem falar no problema cronológico, porque se Moisés escreveu em 1400, temos relatos mesopotâmicos que já existem.

Então, Moisés está escrevendo duzentos a trezentos anos depois das edições escritas de Atra-hasis e da Epopéia de Gilgamesh, então como isso funcionaria cronologicamente? E mais uma vez, essa possibilidade de empréstimo responde apenas a um lado do problema, as semelhanças, mas menos o problema das diferenças. Então, o que eu postularia é apenas um palpite, mas o que eu sugeriria é um pequeno esquema, e gostaria de expor meu ponto de vista. Gostaria de expor meu ponto de vista com um certo grau de reticência. É apenas uma proposta para pensar.

Não tenho nenhuma prova disso, mas vamos supor que houve uma inundação global, ou pelo menos uma inundação que cobriu a bacia da Mesopotâmia. O que eu proporia é que possivelmente ambos os relatos, o relato bíblico e o relato mesopotâmico, lembram o mesmo evento.

O que eu proporia é a possibilidade de que, através da orientação ou inspiração divina, Moisés tenha sido levado, em última análise, a uma memória correta desse dilúvio, enquanto os babilônios talvez também se lembrassem do evento do dilúvio, mas o distorceram com a mitologia e outras imprecisões históricas. Em outras palavras, ambos se lembram do dilúvio, mas o relato bíblico lembra-se dele corretamente, e o relato mesopotâmico lembra-se dele de uma forma parcialmente correta e parcialmente distorcida. Agora, é claro que esta é, na melhor das hipóteses, apenas uma explicação plausível, mas um dos factores que é atraente é que tal explicação explica porque temos semelhanças e diferenças.

O relato mesopotâmico lembrava parte dela com precisão e parte dela de maneira imprecisa. Portanto, esta é uma situação em que não temos forma de saber com qualquer nível de certeza, talvez até de probabilidade, como explicar as semelhanças e as diferenças. Mas penso que muitas vezes se apresenta a resposta de que há empréstimos.

O empréstimo pode certamente acontecer, mas quando temos culturas tão distantes como Israel e Babilônia, é um pouco difícil pensar em empréstimo. Agora eu entendo em teoria crítica em teoria crítica. Grande parte do documento que chamamos de Bíblia foi composta no exílio na Babilônia, no século VI aC. Certamente, existe a possibilidade de que algo assim possa ter acontecido, mas gostaria de alertar o meu público para compreender que, embora Israel estivesse exilado na Babilônia, e Israel pudesse ter sido influenciado por tais documentos, não há provas concretas de que isso tenha acontecido.

Então isso também é teórico, assim como todas essas outras propostas que estivemos analisando. Isto, eu acho, então, quando olhamos para isso, podemos olhar para trás e dizer, parece que em todo o crescente fértil havia uma tradição de um grande dilúvio que destruiu o mundo daquela época. A Bíblia se lembra disso, os mesopotâmios afirmam se lembrar disso, e então é aí que teremos que deixar isso.

Passaremos para a nossa segunda fonte de documentação do antigo período babilônico, que chamamos de Nuzi, ou às vezes é escrito Nuzu, tabuinhas. Estas tabuinhas são de um local em Nuzi, no sopé das montanhas Zagros. Assim que eu puder abrir meu mapa - aqui vamos nós - posso mostrar aproximadamente onde Nuzi está.

Então, se estivermos olhando para Nuzi, Nuzi estaria em algum lugar mais ou menos nesta região aqui. Aqui estão as montanhas de Zagros, lembre-se que são montanhas

sérias, e Nuzi estava bem aqui, perto do Z e do A em Zagros. E esse é o site de Nuzi, e é sobre essa área que vamos falar com esses tablets que foram encontrados.

Nos anos de 1925 a 1931, nas Escolas Americanas de Pesquisa Oriental, quando você vê uma sigla como ASOR, e não sabe o que isso significa, deixe-me lembrá-lo que logo no início de nossas notas de aula, tenho várias páginas que os possuem em ordem alfabética, então tudo que você precisa fazer é ir até o início das notas da aula, procurar em ordem alfabética ASOR, e ele lhe dirá que esta é a Escola Americana de Pesquisa Oriental. Escavaram o local, que conseguiram identificar como Nuzi. Nem sempre é fácil identificar o nome de um indício que você está escavando.

Milhares de tabuinhas foram encontradas ali, o que imediatamente atraiu a atenção dos estudiosos em relação a certas incidências patriarcais no Livro do Gênesis. O uso clássico dos materiais de Nuzi, ou seja, quando digo o uso clássico, o que quero dizer é como as tabuinhas de Nuzi influenciaram a compreensão de múltiplas histórias no Livro do Gênesis. O uso clássico desses textos Nuzi é encontrado no comentário de Ephraim Spieser na Bíblia Âncora sobre o Livro do Gênesis.

De 1935 até o início dos anos 70, estava na moda nos círculos acadêmicos defender a historicidade das histórias patriarcais no Gênesis com base em costumes semelhantes em Nuzi. Agora, talvez na minha audiência, haja algumas pessoas que tiveram educação suficiente para ficarem surpresas com a afirmação que acabei de fazer. Então deixe-me apontar isso para você.

Estamos aqui esta manhã às oito e tal da manhã, e por isso estamos aquecendo o motor lentamente. Então deixe-me explicar para você. Você leu corretamente, que estudiosos críticos estavam usando os documentos de Nuzi para defender a validade histórica de algumas das histórias narrativas nas histórias patriarcais do Gênesis.

Estamos acostumados no mundo de hoje a ter a comunidade crítica negando a exatidão histórica, especialmente no Livro do Gênesis. Então, nos perguntamos: bem, como isso aconteceu e por que aconteceria? Bem, isso aconteceu porque a área temática principal ou dominante dos tablets Nuzi gira em torno de dezenas e dezenas de histórias de adoção no texto Nuzi. Essas histórias de adoção foram então lidas nas histórias de Gênesis.

Vamos ver se consigo te dar algumas explicações. Em primeiro lugar, quando Abraão adotou Eleazar, essa história foi explicada à luz de Nuzi, embora o texto não diga que ele foi Abraão que adotou Eleazar. Eleazar era seu fiel mordomo, seu leal escravo principal.

O texto nunca diz que ele foi adotado por Abraão, mas porque a adoção dominou Nuzi, então isso foi incluído naquela história. Isto é especialmente usado nas

histórias de Jacó-Laban. Se você se lembra das histórias, Jacó foi para a Mesopotâmia, aparentemente para conseguir uma esposa, e lá ele encontra alguém que tem ainda menos escrúpulos morais do que ele, Labão.

Então, se você se lembra da história, Jacó se apaixonou por Raquel, e trabalhou sete anos para ela, na noite de núpcias na era pré-elétrica, Labão o enganou dando sua outra filha, Lia, e Jacó não percebeu isso até a manhã seguinte, quando ele acorda e descobre que foi casado com Leah, não com Rachel. Bem, ele trabalhou mais sete anos, e o texto é uma das passagens encantadoras da Bíblia; o texto nos conta que seu amor por Raquel era tão grande que os sete anos pareceram apenas um dia. E assim, no final do próximo segmento de sete anos, ele ganhou o direito financeiro de se casar com Raquel, mas porque Jacó estava sendo prosperado por Deus, então Labão ficou com ciúmes dele.

E assim surgiu o conflito e, finalmente, toda a família, ou seja, Jacó, Raquel e Lia e seus filhos, decidiram fugir de Labão e voltar para Canaã. Conforme a história se desenrola, Raquel havia roubado os deuses da família, eles são chamados de terafins, e sabe-se lá o que mais ela havia levado, mas no meio da noite, eles iniciam a viagem de volta, e Labão acorda, e em algum momento ele descobre que eles se foram e então os persegue. E assim, quando os encontra, quando os apanha, ele insiste em que devolvam o deus da família, os terafins.

Era uma prática relativamente comum no mundo antigo ter essas imagens de divindades portáteis em argila, e elas são chamadas de deuses de família, e eram mantidas no domicílio, então Rachel as roubou. E assim, aconteceu que aquela longa história que acabei de descrever para vocês foi reexplicada à luz de Nuzi. E a explicação da história foi que Labão adotou Jacó, e que a razão pela qual Raquel roubou os terafins foi que os terafins eram, sabemos por Nuzi, nos disseram, que os terafins eram documentos de propriedade da terra, que isto é, se você fosse dono dos deuses da família, você tinha provas de que era dono da terra.

Bem, lembro-me de ter aprendido em minha turma do seminário em 1968, lembro-me de ter aprendido o que acabei de descrever para vocês em toda esta história. Em essência, a história de Nuzi foi extraída de Nuzi e imposta à história do Gênesis. Na verdade, estava cheio de lacunas porque o texto nunca diz nem insinua que Jacó foi adotado por Labão.

Além disso, não há nenhuma evidência real de que mesmo que Jacó tivesse sido adotado, o que reitero o texto não diz, mas mesmo que Jacó tivesse sido adotado, sabemos pela lei do mundo antigo que Jacó teria sido removido da adoção. status no minuto em que Labão teve filhos. E o texto nos diz em Gênesis que quando Labão persegue Jacó, ele o persegue com seus filhos. Portanto, mesmo que ele tivesse sido adotado, naquela época ele já teria sido privado de seus direitos como adotado.

Além disso, é uma leitura errada dos documentos de Nuzi argumentar que os terafins são a prova, fornecem provas legais da propriedade da terra. Essa é uma interpretação das tabuinhas de Nuzi que acabou sendo rejeitada. E então, basicamente, o que me ensinaram no seminário revelou-se completamente errado.

O que diríamos sobre os chamados exemplos de fórmulas de adoção de Nuzi é que todos esses chamados paralelos foram criados pelos estudiosos que encontraram as tabuinhas e as usaram para explicar o texto bíblico. Foi exatamente o que lhe contei logo no primeiro dia de nossas palestras, quando citei Samuel Sandmel em seu artigo no *Journal of Biblical Literature*. É um caso de paralelomania.

Está impondo descobertas artificiais nas páginas da Bíblia. E então posso dizer que enquanto nos preparamos para iniciar esta jornada agora ou completar esta jornada em direção à literatura do antigo período babilônico, de minha parte, em nossa palestra anterior sobre Mari, foi um caso de paralelomania usar as tabuinhas de Mari para explicar o profetismo porque tudo o que foi focado foram as semelhanças, não as diferenças. Sinto-me bastante entusiasmado com o conceito de que se quisermos fazer paralelos, temos de explicar tanto as semelhanças como as diferenças.

Assim, em Nuzi, o que tivemos foi uma era interpretativa em que os estudos críticos americanos utilizavam materiais antigos do Oriente Próximo propositadamente para explicar a Bíblia. Agora, isso nos leva a algumas coisas que quero dizer enquanto avanço para este parágrafo inferior à sua frente, uma das quais é até hoje, até hoje, toda vez que há um tablet ou algum outro achado arqueológico, cada vez que passamos por isso é como se os intérpretes colocassem óculos especiais e com seus óculos especiais, eles então interpretam o texto bíblico através das lentes dos achados mais recentes da história arqueológica. Já vi isso acontecer com Nuzi.

Eu vi isso acontecer com Mari posteriormente. Eu vi isso acontecer com Ugarit. Falaremos um pouco sobre Ugarit.

Aconteceu com os Manuscritos do Mar Morto. Cada vez que encontramos uma importante fonte de tabuinhas, nós a extrapolamos de seu contexto antigo e a sobrepomos ao texto da Bíblia. Agora, como um seguidor praticante de Cristo, ou pelo menos alguém que tenta fazer isso, quero ter cuidado para não violar os mandamentos do meu Senhor, e me disseram claramente para não julgar, mas devo confessar uma suspeita de que talvez esse tipo de coisa acontece porque os arqueólogos podem se tornar muito famosos quando encontram coisas que se correlacionam com a Bíblia.

Você sabe, quando Sir Leonard Woolley encontrou os depósitos de inundação em Ur e disse ao mundo que tinha evidências bíblicas, ele tinha evidências arqueológicas para o dilúvio bíblico, você sabe, isso foi, eu acho, na década de 20. Isso foi manchete

em todo o mundo ocidental, em toda a Europa, aqui na América. Ele tornou-se famoso.

Não posso deixar de suspeitar que uma das razões pelas quais passamos pela mesma coisa toda vez que encontramos tabletes é porque é uma tentação para os arqueólogos se tornarem famosos, e não quero acusar ninguém em particular, mas como isso acontece toda vez que encontramos uma tabuinha, lembro-me de quando os arqueólogos, há quatro ou três décadas, encontraram os escavadores em Ebla nos dizendo que haviam encontrado evidências do nome de Yafeh nos arquivos de Ebla, que encontraram o nome de Yafeh nos arquivos de Ebla, que fica no oeste e noroeste da Síria. Sentei-me na plateia quando isso foi anunciado aos participantes da Sociedade de Literatura Bíblica, e toda a sala, 5.000 pessoas, estava entusiasmada com esta notícia. Bem, adivinhe? Acontece que não era o nome de Yafeh e, literalmente, hoje, ninguém acredita que Yafeh seja mencionado nas tabuinhas de Ebla.

Então, uma das coisas que eu gostaria de fazer neste comentário sobre Nuzi é que, em 1925, ainda estávamos no meio do uso de materiais antigos do Oriente Próximo, como uma lanterna dinâmica, para lançar luz sobre todo o mundo bíblico. E isso é parte do problema. A segunda parte do problema é muito menos visível, e espero não perdê-los ou aborrecê-los com isso, mas neste parágrafo mencionei a vocês praticamente todos os estudos das décadas de 1970 a 1980 que rejeitaram o uso das tabuinhas de Nuzi para ajudar a provar a historicidade das incidências em Gênesis.

O desafio mais substancial a este respeito foi o trabalho de Thomas Thompson sobre a historicidade das narrativas patriarcais. Então, para recapitular, deixe-me explicar que, entre as décadas de 1920 e 1970, estivemos numa época em que os estudos ocidentais, e por ocidentais, quero dizer norte-americanos, foram apanhados naquilo que foi chamado de arqueologia bíblica. A arqueologia tinha como um dos seus principais propósitos explicar a Bíblia.

Bem, se você está olhando para 4.000 tabuinhas e sua pressuposição é usar essas tabuinhas para lançar luz sobre a Bíblia, surpreendentemente, esse tipo de pressuposição pode colocar uma pessoa em apuros. Porque o seu pressuposto é que um dos valores primários das tabuinhas de Nuzi é lançar luz sobre a Bíblia quando, na realidade, a principal tarefa de Nuzi ou Mari ou Ugarit, a principal tarefa de interpretar as tabuinhas, é lançar luz sobre as pessoas da cidade onde existiam as tabuletas. Então, o que eu diria, ao olharmos para toda esta área temática, é que temos uma janela interpretativa única na história dos materiais antigos do Oriente Próximo, quando os estudiosos norte-americanos estavam interessados em usar esses materiais antigos do Oriente Próximo para explicar a Bíblia.

Então, se eu pudesse levá-los em uma viagem de 15 minutos pela história da igreja, talvez eu pudesse explicar por que essa coisa estranha aconteceu. À medida que o

período da Reforma se aproximava do fim do seu impacto na Europa, deixou um legado importante que exigiu espaço para a história e a ciência. Em outras palavras, a teologia não existia sozinha.

A teologia precisava trabalhar em conjunto com a história. Bem, o que isso significava é que as pessoas não acreditavam automaticamente na Bíblia, mas que a Bíblia talvez devesse ser provada como correta. E assim, durante séculos após a Reforma, os estudos começaram a se afastar da ortodoxia, e isso meio que colocou as escrituras em sua própria categoria.

E embora ainda se acreditasse que fosse um livro divino, agora estava sob o escrutínio de provas históricas. E então, em meados do século XIX, ocorreu um dos grandes acontecimentos da história. Charles Darwin fez sua viagem através do oceano e, nessas viagens, encontrou o que considerou uma evidência de fenômenos científicos que passaram a ser chamados de evolução.

Ao fazer isso, Darwin lançou ao mundo mais um desafio ao registo bíblico, porque finalmente deu ao mundo uma alternativa a Deus. Isto é, dado um período de tempo suficientemente longo, a própria vida poderia emergir de produtos químicos. A própria vida poderia emergir e, durante um período de tempo suficientemente longo, a vida poderia transformar-se em diversidade até que, num período de tempo suficientemente longo, se pudesse ter a vida como a conhecemos hoje.

Agora, às vezes os cristãos adotaram essa visão de Darwin, e aceitam o que chamam de evolução teísta, nomeadamente que esse tipo de evolução aconteceu, mas Deus a controlou. Às vezes, os cristãos rejeitam todo o conceito de evolução darwiniana. Mas o que eu diria a você é que as teorias de Darwin, estabelecidas na segunda metade do século XIX, tiveram um impacto profundo no Cristianismo porque o que fizeram aparentemente bateu a porta às propostas bíblicas para as origens, apresentando uma proposta alternativa para origens.

Como resultado disso, no século após Darwin, o Cristianismo foi dramaticamente afetado pelos ensinamentos de Darwin, a tal ponto que houve um vasto abandono do Cristianismo. Na virada do século XIX, que é o que chamamos de 1900, praticamente todas as igrejas foram dramaticamente influenciadas pelas possibilidades de uma alternativa científica à Bíblia. Praticamente todas as organizações e escolas cristãs, especialmente, começaram o rápido afastamento do Cristianismo ortodoxo para uma negação da Bíblia como um documento legítimo de origens.

E assim, como resultado disto, os estudos alemães começaram a ter o seu próprio grande impacto, e fê-lo em nome de estudiosos importantes, Graf, Keenan e Wellhausen. Agora, o que Wellhausen fez, Julius Wellhausen, foi fazer parte de um grupo de estudiosos alemães que foram capazes de pegar as teorias de Darwin e

aplicá-las ao mundo bíblico. E o que Wellhausen Graf e Keenan concluíram é que, assim como a humanidade e toda a vida nesta terra evoluíram de organismos simples ao longo de um tempo interminável para os organismos modernos e complexos que somos hoje, também o mundo da Bíblia passou por um tipo semelhante de evolução.

Esta evolução seguiu os princípios que Darwin nos ensinou, nomeadamente, do simples ao complexo. Wellhausen e os estudiosos alemães, em particular, ensinaram ao mundo que, tal como a vida evoluiu das formas mais simples possíveis para formas complexas, a religião seguiu um padrão semelhante, do simples para o complexo. E assim, criaram uma evolução literária que passou a ser chamada de teoria JEDP.

E J representa o nome divino Jaffe. Você deve se lembrar que em alemão J e Y, em alemão J é pronunciado Y, daí obtemos Ja hweh. Na sua Bíblia em inglês, como você a conhece como Jeová, Jaffe é o nome verdadeiro.

E representa o nome divino na Bíblia, Elohim. D é igual ao Deuteronomista, que é melhor representado no livro de Deuterônomo na teoria crítica. E P representa o sacerdotal.

E assim, o que Graf, Keenan e Wellhausen fizeram foi popularizar esse conceito para que o Jahwehista, que era uma espécie de simples teólogo primitivo, o Jahwehista fizesse seu trabalho aproximadamente entre os séculos X e IX. Eram editores do sistema Wellhausen, não eram autores. O Elohist é por volta do século 8 aC.

O Deuteronomista é do 7º ao 6º, e então este é do 6º ao 5º. Agora lembre-se que o século V é algo como 500 a 400, esse tipo de coisa. Então, o que eles fizeram foi criar um desenvolvimento evolutivo da religião, e não vou necessariamente gastar muito tempo tentando explicar isso, mas o resultado e o impacto deste estudo alemão, estudo crítico, levou à conclusão de que existe tinha muito pouco valor histórico para o Antigo Testamento.

O que isso levou foi a esta abordagem evolutiva da religião; o que levou foi ao impacto, a menos que material antigo do Oriente Próximo pudesse ser citado para provar a realidade histórica de uma história, então a história na Bíblia foi presumida como não sendo verdadeira. Presume-se que não seja verdade. Bem, isso criou um ceticismo que varreu o mundo ocidental de tal forma que, com exceção das igrejas, o mundo acadêmico aceitou completamente esta ideia.

Agora, é uma coisa muito complexa, e devo dizer-vos isto hoje: muito poucos estudiosos diriam que acreditam nesta fórmula rígida que Wellhausen propôs. Mas a mesma ideia é tão atual hoje como era naquela época nos estudos críticos, nomeadamente que houve um desenvolvimento evolutivo da religião que levou ao

mundo da Bíblia. Agora, você está se perguntando, como isso está funcionando na discussão sobre Nuzi? Bem, tente imaginar que quando foi travada a Primeira Guerra Mundial, na Primeira Guerra Mundial, este sistema tinha triunfado em todo o mundo ocidental, praticamente em todo o lado, excepto nas igrejas.

As grandes escolas da América, Harvard, Yale e dezenas de outras escolas que foram fundadas na tradição cristã abandonaram a tradição cristã. Agora, esse é um abandono que remonta ao passado, que começou no início da Reforma, mas mesmo assim, na época da Primeira Guerra Mundial, os estudos haviam rejeitado grande parte do Antigo Testamento. Bem, se achamos que entendemos isso, deixe-me apagá-lo e contar-lhe sobre um indivíduo notável chamado WF Albright, William Franklin Albright.

Albright certamente não era um cristão ortodoxo, embora Albright tenha sido criado em um lar cristão ortodoxo. Ele cresceu na América do Sul, na casa de seus pais, que eram missionários. Albright saiu de casa, como muitas pessoas fazem, e foi para a faculdade.

E quando ele foi para a faculdade, é claro, ele foi educado na tradição que acabei de deixar no quadro para vocês, a abordagem evolucionista da explicação da religião. E assim, Albright fez seu doutorado e se tornou o arqueólogo mais proeminente de sua época. Na verdade, não creio que ninguém no século XX, isso seria no século anterior, não creio que ninguém no século anterior tenha lançado uma sombra tão longa nos estudos como Albright fez.

Ele foi indiscutivelmente o estudioso religioso dominante ou o estudioso dominante de materiais religiosos do século anterior. E Albright, como arqueólogo, Albright começou a encontrar materiais frequentes que o levaram a dizer, em essência, que a atitude wellhausiana em relação ao Antigo Testamento é demasiado cética. Seu trabalho arqueológico o levou a concluir que a Bíblia se ajusta bastante bem ao seu mundo.

Agora, porque ensino isso em sala de aula, sei que existe essa tendência, então vou lhe dizer novamente, agora mesmo, de forma cristalina: Albright, até onde sabemos, não era um cristão praticante. Ele era um grande estudioso. Mas Albright passou a acreditar que os materiais do antigo Oriente Próximo mostravam uma conexão simpática com a história bíblica.

E sob a sua influência, Albright, que é este fabuloso estudioso, teve centenas de estudantes que se dedicaram ao seu mundo acadêmico, e usaram materiais antigos do Oriente Próximo no que, naquela época, era chamado de arqueologia bíblica. Portanto, o propósito, um dos principais propósitos da arqueologia, era lançar luz sobre a Bíblia. Bem, isso aconteceu durante cerca de meio século.

Na década de 1970, li o livro de Thomas Thompson. É uma magnífica peça de estudo. É bastante crítico em relação à historicidade. Ele intitulou seu livro *A Historicidade das Narrativas Patriarcais*, e sua conclusão foi que não há historicidade.

Mas é um poderoso passeio acadêmico pelas evidências e, basicamente, o que Thompson mostrou em seu livro é que o que é citado como evidência quase sempre não é evidência. E assim, levou a uma era totalmente nova, uma era em que estamos até hoje, chamada minimalismo. O minimalismo é assim chamado porque sua tese é que há apenas uma interação mínima entre o mundo da Bíblia e a Bíblia.

Isso levou a uma mudança completa na forma como olhamos para os materiais Nuzi. E o que aprendi no seminário, com professores perfeitamente bons em toda esta área de Nuzi, revelou-se errado. Ok, então o que eu proporia a você é que deveríamos ter previsto isso porque certas indicações deveriam ter controlado a forma como usamos os materiais Nuzi.

Por exemplo, há uma sensação de que Nuzi está no lugar errado. Tudo bem, então se você olhar até aqui, para a área montanhosa de Zagros, veja o quão longe Nuzi está do mundo do Gênesis. Se eu apenas adivinhasse o número de milhas que isso cobre, eu diria que daqui até aqui são 800, talvez mil milhas.

Nuzi está realmente no lugar errado para que existam tais paralelos. Então, realmente não é o melhor lugar para isso ter ocorrido. Em segundo lugar, Nuzi é o período errado.

Agora, o que sabemos é que as tabuinhas de Nuzi foram escritas por volta de 1500 AC. Bem, se Abraão, pela datação conservadora, é de cerca de 2.100 a.C., isso significa 600 anos de distância. Mesmo se tomarmos como evidência uma data posterior, que alguns estudiosos evangélicos sustentam, nomeadamente que Abraão teria sido uma pessoa dos séculos XVIII a XVII, ainda faltam centenas de anos para que existam paralelos tão próximos.

É o período errado. Terceiro, é a população errada. Os hebreus são semitas.

Por toda a bacia da Mesopotâmia, procuramos pessoas semitas. Mas a população Nuzi não era semita. Foi em grande parte hurrita.

Os hurritas, ou talvez o que a Bíblia chama de horritas, os hurritas não eram semitas e nem sempre adotaram os costumes dos semitas. E assim as práticas que estavam sendo feitas em Nuzi eram práticas de pessoas que não seguiam a cultura do antigo mundo babilônico, que é onde temos as semelhanças no mundo da Bíblia. Então, o que isso nos diz é que apenas olhar para coisas simples como lugar, tempo e população deveria ter nos levado a ser pelo menos cautelosos sobre como estamos usando esses materiais.

Mas o que tenho visto em meus próprios estudos e nos estudos de muitos outros também é algo muito simples. A pressuposição errada muitas vezes levará à conclusão errada. Então, ao voltarmos aos materiais de Nuzi, deixe-me explicar para vocês, com certeza, o tema número um da adoção, que é o conceito de adoção.

Não é a única coisa importante, mas é a número um. E então, naturalmente, quero pegar o que aprendi sobre adoção e ver como isso me ajuda a entender a adoção na Bíblia. Moisés nos deixou algumas leis explicando como funciona a adoção.

Temos adoção nas histórias do Antigo Testamento. A adoção era algo comum no mundo antigo porque as pessoas morriam muito cedo. Se um homem morresse em média, se um homem morresse por volta dos 40 anos, os seus filhos dificilmente teriam cerca de 20 anos.

Portanto, não era incomum no mundo antigo. E sabemos, aliás, que quando chegamos a períodos fortemente documentados como o período romano, sabemos que a adoção era uma prática extremamente comum. Mas se você tiver a pressuposição errada, é como olhar através de binóculos fora de foco.

Então, aqui está o problema. A própria Nuzi não está lidando tanto com adoção quanto com o que é chamado de adoção fictícia. Agora você sabe como é a bolsa de estudos.

A bolsa de estudos nunca usará uma palavra simples quando puder usar uma palavra obscura. Acho que nunca usei a palavra fictício em minha vida até vir para Nuzi. Eu poderia ter dito ficção, mas ficção não é acadêmica.

Então, chamamos isso de adoção fictícia. Bem, adoção fictícia significa simplesmente adoção fictícia. Não foi uma adoção real.

Acontece que no mundo de Nuzi, em toda a cultura mesopotâmica, que era pós-Velha Babilônia, naquela cultura, era ilegal vender terras. Então, o que aconteceu foi que os hurritas, os não-semitas, criaram uma forma de contornar a lei. E a maneira de contornar a lei era: se fulano me pagasse uma quantia X de dinheiro, eu adotaria fulano aqui, e então ele se tornaria meu filho e herdaria minha propriedade.

Foi um subterfúgio legal. Conhecemos, por exemplo, um indivíduo chamado Tehir-Tilla, que foi adotado 48 vezes. Claramente, ele não foi adotado.

Claramente, esta é uma forma de contornar a lei. É o que chamamos de adoção fictícia. Portanto, é inútil explicar a adoção literal, como ocorre em várias páginas do Antigo Testamento.

Então, o que isso levou, em última análise, foi ao abandono de toda a abordagem de Albright, na qual o propósito da arqueologia tinha como objetivo principal lançar luz sobre a Bíblia, até agora o que eles chamam de arqueologia do Oriente Próximo, onde ela quase balançou para o outro extremo, à medida que o pêndulo avançava pelas páginas da história. Então, o que eu gostaria de alertar a qualquer pessoa que ouça esta palestra é que precisamos ler cada tabuinha corretamente no contexto das pessoas em cuja cultura essas tabuinhas foram escritas. Ou seja, o objetivo principal da arqueologia não é encontrar coisas que expliquem a Bíblia, por mais que gostemos quando coisas assim acontecem.

O objetivo da arqueologia é reproduzir o mundo daquele período de tempo, reproduzir a nossa compreensão desse mundo. Então, com isso em mente, o que podemos ver é um princípio hermenêutico muito simples, que é, se você tiver a pressuposição errada, há grandes chances de você chegar à conclusão errada. Nuzi é um caso emblemático.

Praticamente todos na América do Norte concordaram com a abordagem albrightiana. Quarenta anos depois da década de 1970, absolutamente ninguém acredita naquilo que nos foi ensinado sobre o impacto dos documentos de Nuzi sobre o livro de Gênesis. É por isso que encerrarei esta palestra dizendo que temos que ter cuidado com os antecedentes, pois, ao olharmos para o material do mundo antigo, primeiro olhamos para ele com a ideia de ver como isso explica o mundo em que essas tabuinhas existiram. antes de começarmos a tentar extrapolar esse mundo e lançar luz sobre a Bíblia.

Portanto, essa é a nossa cautela ao olharmos para os antecedentes bíblicos. E essa cautela é caracterizada pela verdade: para que os antecedentes funcionem corretamente, devemos explicar tanto as semelhanças quanto as diferenças. Com isso, podemos terminar esta palestra e passar para outra fonte de informação da Antiga Babilônia.

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensino sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 11, Nuzi.